

Abordagens criativas no ensino de História

Keila Monique Marques Costa

Especialista SME-NATAL/RN

Buscamos com esse trabalho apresentar a experiência com alunos do ensino fundamental e EJA na disciplina de História, trabalhando conteúdos relacionados, seja no currículo considerado tradicional, como também no envolvimento dos temas transversais, desenvolvendo outras perspectivas de aprendizagem de forma lúdica. Pretendemos mostrar ações e direcionamentos que nortearam nossa prática pedagógica no decurso da docência. A busca para estimular os alunos ao gosto pelo aprender, resultou num dos trabalhos que envolveram principalmente as disciplinas de Artes e História, criando momentos de aprendizado conjunto com o objetivo de fazer com que os alunos passassem a conhecer, vivenciar novas experiências e formas de cultura diferente das habitualmente vividas por eles. A prática pedagógica versou por temas da cultura popular e em específico, o folclore nordestino. Envolvermos na atividade textos de Chico Daniel, “O caso do espelho” (versão de Ricardo de Azevedo), xilogravuras entre outras. Considerando que a cultura de um povo é constituída no seu dia-a-dia, através do pensar, sentir, agir e nas relações que o sujeito experimenta ao longo da sua vida, pensamos que tais atividades no espaço escolar pode proporcionar parte dessa construção. Sendo assim, pensamos que propostas que venham a abranger e valorizar a diversidade que existe no país de forma mais ampla e em específico nos espaços que residem e convivem nossos alunos, é contribuir de forma significativa para sua transformação. Em outros momentos, e partindo sempre da mesma perspectiva de apresentar conceitos e conteúdos históricos de forma mais dinâmica, desenvolvemos atividades teatrais usando como a temática antiguidade como eixo central de nossos trabalhos.

Palavras chave: História – Vivência – Aprendizagem

As discussões em torno do ensino de História já conseguiu preocupar bastante professores, acadêmicos e estudiosos especificamente da área de História. A problemática que permeia o ensino de História levou a produção de uma série de materiais, livros, artigos entre outros materiais e é um tema longe de ser esgotado, pois que sua complexidade se fundamenta em várias referências e parâmetros, sendo possível discutir sobre o ensino de história e produzir reflexões absolutamente diferentes umas das outras a depender do seu referencial, da preocupação específica de cada situação, bem como da formação de quem analisa as dificuldades de se pensar e realizar o ensino de história.

Na maioria das vezes quando o professor se depara com as dificuldades próprias da prática docente, tende a iniciar uma busca entre matérias, livros, revistas, artigos e outras produções, que possam de alguma forma direcionar e minimizar a sensação de não conseguir envolver seu aluno da forma que imaginava e assim realizar seu trabalho de forma mais segura e minimizar as dificuldades de sala de aula, envolvendo seus alunos e produzindo relevantes discussões sobre temas históricos.

Os desafios e as angústias dos professores e em específico do professor de História, o leva a buscar formas que possam fazer seu aluno pensar e se perceber fazedor, parte integrante dessa história contada em sala de aula. Despertar o desejo de conhecer a história, dar a essa disciplina importância é uma das metas que acabam por aparecer dentro da sala de aula e o professor experimenta uma espécie de angústia ao perceber que a história é muitas vezes vista como uma disciplina enfadonha, sem graça e sem uma ligação direta com o presente e os interesses dos alunos. Talvez o professor que inicia sua prática não tenha ideia que a maioria dos alunos não se identifica com a história enquanto disciplina e nem mesmo veja a importância desta. Destacamos aí que os alunos não se identificam com uma história como disciplina pelo fato de sabermos que as narrativas e histórias, livros e revistas de uma forma ou de outra estão presentes na vida do nosso aluno, entretanto, quando se trata de uma disciplina do currículo escolar ela se distancia da vida e das expectativas da maioria dos alunos. Os alunos não encontram atrativos em textos próprios dos assuntos que envolvem a história ensinada e seus livros didáticos se tornam apenas um peso a ser carregado. O professor enfrenta nas salas de aula uma espécie de solidão e alimenta o desejo de conseguir reverter a situação do desinteresse pela disciplina de história. O desejo de que falamos, talvez esteja muito associado a própria satisfação que sente o profissional ao escolher para sua formação o curso de história, entretanto, nessa escolha nem sempre fica claro que depois de anos de estudos específicos para uma boa preparação e formação universitária, esse profissional irá exercer seu ofício nas salas de aula e que seu prazer em estudar, pesquisar e discutir história irá se deparar com uma clientela que não fez essa escolha, mas que por força de currículos e práticas educativas do país, irão estudar história. De acordo com Selva Guimarães

Se no caso da sociedade francesa, a qual se refere Remond, o campo de trabalho para os historiadores é o ensino, a profissão é o magistério, no caso do Brasil não é diferente. Constata-se que, mais devagar do que desejado, está ocorrendo uma ampliação do mercado de trabalho. Entretanto, a “demanda social” é para o magistério, sobretudo neste momento de ampliação do ensino fundamental e médio na rede pública e do ensino superior na rede privada. Vivendo, construindo história na realidade social brasileira o indivíduo que faz a opção pelo curso de história se defronta com o seguinte dilema: “Ser historiador, pesquisador”; o real dirá: “ser professor”. Por que não ser historiador professor? Ou historiador-professor de história, preparado para o exercício da pesquisa e do ensino? Por que não assumimos a formação do professor-pesquisador? Como se tornar professor de história nesse contexto educacional? (FONSECA, 2003, p. 66)

O campo tem se aberto cada vez mais para atuação do historiador, mas não podemos negar como foi dito acima que a docência é um caminho certo para maioria e que por esse motivo é importante desenvolver outras aptidões além da boa formação específica da área.

A docência é uma tarefa difícil e que requer além do domínio teórico uma série aptidões e competências que serão desenvolvidas na prática, mas que pode durante a formação acadêmica fazer parte das preocupações e discussões em pauta.

Pensamos que seja comum entre os colegas que se preocupam com o ensino de história, questionamentos a respeito da sua prática, de como envolver, como aproximar conceitos e conteúdos muitas vezes tão distantes das realidades que vivem crianças e adolescentes. Esses questionamentos permanecem sem uma resposta precisa e na realidade talvez ninguém seja capaz de respondê-los, nem mesmo a pedagogia com suas teorias e livros, e estudos e algumas certezas. O que ocorre é que esses questionamentos vão se envolvendo em meio a nossa prática e passamos a conviver com eles e de forma mais “harmônica”, aos poucos eles deixam de ter o tamanho que tinham no início das nossas atividades e passam a assumir um importante papel no fazer do professor. São eles que nos impulsionam a agir, criar e tentar novas formas de abordagem dentro de sala de aula e passam de dúvidas a companheiros de trabalho, capazes de nos incentivar e criar meios de melhor exercer nossa prática educativa.

Diante do nosso objetivo de formar o sujeito crítico, o cidadão atuante é inevitável fazer esse exercício de pensar a formação do nosso profissional docente. Qual a situação desse profissional que está em sala de aula contribuindo na formação de novos sujeitos? Até que ponto o professor se vê também como sujeito em sua sociedade? Em que medida o professor se percebe agente de mudança? De que forma sua formação universitária lhe proporcionou pensar que a atividade docente tem responsabilidade direta com essa formação de sujeitos sociais? Qual é essa história ensinada nas escolas? A quem ela atinge e de que forma atinge? Essas perguntas por si só dariam uma discussão enorme e pertinente sobre o ensino de história. Porém estamos certos de que não iremos esgotar aqui o assunto, propomos apenas pensar um pouco na introdução da história enquanto disciplina nos currículos escolares do Brasil.

A história como disciplina veio surgir em fins do século XIX. De acordo com Elza Nadai e surgiu em meio a uma situação comum em diversos cantos do mundo. No contexto de formação das nações modernas a história vai assumir um importante papel de sustentar os discursos de laicização da sociedade. A ideia de genealogia e mudança irá marcar essa nova fase.

No caso brasileiro não será diferente e as questões irão girar em torno da ideia de quem serão os agentes de formação da sociedade brasileira. De acordo com Elza Nadai

(...) procurou-se garantir, de maneira hegemônica, a criação de uma identidade comum, na qual os grupos étnicos formadores da nacionalidade brasileira apresentavam-se, de maneira harmônica e não conflituosa, como contribuidores, com igual intensidade e nas mesmas proporções naquela ação, portanto, o negro africano e as populações indígenas, compreendidas não em suas especificidades etnoculturais eram cooperadoras da obra colonizadora/civilizatória conduzida pelo branco português/europeu e cristão. Em decorrência, instituiu-se uma tradição muito forte que privilegiou, nos estudos históricos, a constituição muito forte de uma nação organicamente articulada, resultante de um processo caracterizado pela contribuição harmoniosa das diversas classes sociais, pela conciliação e pela organização do “bem comum”, processo, portanto que privilegiava o passado vivido e recuperado sem conflitos, divergências ou contradições. (NADAI, 2011, p. 29-30)

No resultado dessa realidade o passado aparece como elemento homogeneizador e com forte responsabilidade na ideia de uma formação da identidade nacional. Este institucionalizou uma história oficial, pondo de lado a memória de grupos sociais não privilegiados nessa formação de identidade nacional. Por certo período assim se deu o ensino no Brasil, voltado para uma camada social que privilegiada, conseguia estudar em diversos níveis. Ainda de acordo com Elza Nadai, por volta de 1940 há uma mudança na estrutura escolar brasileira e parte da sociedade que antes não era introduzida na escola, passou a frequentá-la e trouxe uma transformação significativa a medida que novas camadas sociais iam se inserindo nesse novo contexto. A história ensinada como padrão passa por mudança também e aquele saber com referências em um padrão social não dar mais conta das complexidades que vão surgindo. Como, por exemplo, na reflexão de Nadai logo abaixo.

Angústia, insegurança e impotência generalizada tomaram conta, inicialmente, do professor que percebia (e ainda percebe) contradições entre os discursos das autoridades educacionais e a realidade vivida na sua escola e na sala de aula: a expansão das matrículas não eram acompanhada de medidas eficazes que pudessem viabilizar a permanência dos alunos na escola. (NADAI, 2011, p. 33)

Ainda hoje é um grande desafio a construção de uma escola aberta e garantir a permanência dos alunos na escola. Mesmo com programas de governo e incentivos imediatistas, o que vemos é um número reduzido de jovens que atingem de forma satisfatória o Ensino Médio diante do universo imenso dos que abandonam seus estudos em fase ainda da adolescência.

Elza Nadai, faz uma reflexão no sentido de pensarmos até que ponto somos também responsáveis por esse “fracasso” que não é individual, mas coletivo, de uma sociedade que não conseguiu ainda introduzir novos agentes da história de forma que os mesmos se vejam representados no espaço escolar e social enfim. Ressalta que

Até que ponto a avaliação realizada e o nosso planejamento são conduzidos para ampliar a compreensão do significado desses dados numa realidade social mais abrangente? O quanto ainda não temos como referência “certos padrões comuns de desempenho escolar que remontam ao passado? O quanto não procuramos, nós também, pela nossa prática, eliminar das nossas salas de aulas os “enjeitados”, os “carentes”, os mais “resistentes” à nossa influência, os “alunos problemáticos”, os “analfabetos”, para depois então podermos trabalhar bem com aqueles “mais dóceis”? (NADAI, 2011, p. 34)

Sabemos que no início da década de 80 do século XX, o ensino de história se voltou bastante para um estudo partindo da vida do aluno e do seu cotidiano. Os reflexos da mudança nas concepções de história em sintonia com a escola dos Annales parece ter sido utilizada como justificativa para pregoar uma história longe do tradicionalismo e em nome de uma história moderna e aproximada da vida dos alunos, inicia-se uma visão de que a qualquer custo essas mudanças precisavam aparecer e tornar então o ensino de história mais atrativo. Entretanto, alguns cuidados precisam ser tomados e a análise do ensino de história precisa mais que nunca ser um ponto de preocupação, pois pode se transformar num simples e superficial estudo de memórias sem o rigor que exige a pesquisa e o trabalho do historiador.

Embora acreditemos que para se ensinar história são necessárias aptidões e competências que vão além do domínio dos conteúdos, ressaltamos que este não pode em hipótese alguma ser deixado de lado, visto que, as reflexões necessárias e as relações feitas entre os diferentes tempos históricos e mesmo as interpretações dos movimentos de mudanças e permanências que ocorrem nas sociedades, só serão capazes de ocorrer com o domínio de tais conteúdos e dos procedimentos de análise feita pelos historiadores. De tal sorte, a mudança não pode ser a justificativa para uma banalização de pontos essenciais dentro do ensino de história e motivo pelo qual a pesquisa se torne menos importante do que a memória coletiva possa apresentar. Para tanto, destacamos o seguinte trecho:

Por favor, não me interpretem mal. Não estou simplesmente fazendo uma defesa dos velhos historiadores do século XX contra os jovens. Comecei minha carreira como jovem historiador entrevistando sobreviventes da Sociedade Fabiana pré-1914 a respeito de seu tempo, e a primeira lição que aprendi foi que nem mesmo valia a pena entrevistá-los, a menos que eu tivesse descoberto mais sobre o tema da entrevista do que poderiam se lembrar. A segunda foi que, no tocante a fatos verificáveis de modo independente, sua memória tendia a se enganar. A terceira foi que era inútil levá-los a mudarem de ideia, já que esta se havia formado e fixado muito tempo antes. (HOBSEBAWM apud Margarida Dias de Oliveira e Maria Inês Sucupira Stamato (org.), 2008, p. 12-13)

Assim, pensamos que o trabalho da escola e do professor de história, seria abordar essas memórias em tempos diferentes e relacioná-las, mostrando inclusive que uma não pode ser a outra, que há diferenças entre o que se pesquisa e o que aparentemente é real por ter sido vivenciado pelos grupos sociais. Observamos que as mudanças a que se propõem os chamados herdeiros dos Annales estão longe de ser uma substituição da história narrativa para uma história por temas “diferentes” ou interessantes para atualidade. Como diz Margarida Dias

Restringir essa complexidade a uma substituição de uma narrativa da história política ou econômica para uma narrativa de temas diferentes é não mudar nada ou, mudar para pior. Essa é uma questão complexa, principalmente porque, para compreendê-la, é necessário conhecer as especificidades do ofício do historiador e reconhecer a premência da discussão para o ensino. (HOBSEBAWM apud Margarida Dias de Oliveira e Maria Inês Sucupira Stamato (org.), 2008, p. 14)

Sendo assim, pensamos que o conhecimento da cronologia, da questão temporal e espacial sejam essências para as interpretações, análise e compreensão dos contextos históricos, bem como das metodologias que propiciem conhecer e exercer a cidadania.

Diante das questões que abordamos no decorrer desse texto, escolhemos algumas abordagens realizadas em trabalhos de sala de aula nas escolas públicas de Natal. Primeiramente iremos destacar a história antiga, visto que, esta nos parece ser preocupante no nível fundamental pelo fato dos alunos, em certa medida, terem dificuldades em pensar uma realidade absolutamente diferente em diversos aspectos das sociedades contemporâneas.

Pedro Paulo Funari nos apresenta algumas mudanças no ensino de história antiga, estas vão desde novas formas de tratar o tema em livros didáticos a novas interpretações, estratégias e novos temas a serem discutidos em sala de aula.

Aproveitando essas novas formas de se trabalhar, realizamos uma atividade com alunos do 6º ano do ensino fundamental em torno do tema Grécia. O assunto despertou certo interesse dos alunos por envolver mitos e histórias de monstros e deuses fazendo surgir a ideia de utilizar a literatura e a encenação como meio de experimentar aquilo que os alunos tinham visto em forma de imagens no seu material didático. Surgiu assim o trabalho em forma de convite, VAMOS À GRÉCIA?

A atividade envolveu cinco turmas em fazeres diferente. Os grupos se dividiram e aqueles que não se envolveram nas encenações em si, realizaram outras atividades como pesquisas do cotidiano, das vestimentas e das formas de viver do povo grego antigo. Usamos o livro Entre deuses e monstros, para fazer as devidas adaptações textuais, as quais foram feitas junto com os alunos. Resultou desse trabalho cinco esquetes de mitos gregos como podemos observar na imagem abaixo.



Esquete O Minotauro - Escola Municipal Luiz Maranhão Filho

Neste trabalho, os alunos puderam conhecer uma pouco mais sobre a vida cotidiana dos gregos, bem como entrar em contato com seus mitos, linguagem e aspectos religiosos. Outros aspectos importantes foram possíveis de vivenciar. Tais como: descobrir o que é um teatro, visto que, a maioria não conhece nem tinha ideia do que é, para que serve e como funciona. Neste trabalho foi possível mexer com muitas áreas ao mesmo tempo. A literatura, as artes de forma geral, a pintura e a sonoplastia despertou outros sentidos e enriqueceu o trabalho de forma singular.



Esquete O Minotauro - Escola Municipal Luiz Maranhão Filho

A confecção do cenário, a elaboração dos acessórios e a pintura de objetos foram de suma importância, pois durante o processo os alunos foram se apropriando de informações e relacionando-as com textos lidos em sala de aula de forma muito rica.



Esquete Eco e Narciso - Escola Municipal Luiz Maranhão Filho

Dentre outras atividades que realizamos, destacamos o trabalho em torno da cultura popular. Especificamente as danças folclóricas conhecidas no Rio Grande do Norte nos deu um excelente material para pensar nosso patrimônio imaterial. A atividade a que nos referimos agora foi desenvolvida na Escola Municipal Waldson Pinheiro, localizada na Zona Norte de Natal. Desenvolvemos a atividade com turmas dos 7º anos e os alunos realizaram uma pesquisa em torno das representações, danças e também patrimônio material. Procuramos reproduzir o resultado das nossas pesquisa em tabuleiros de madeira, como veremos a seguir.



Quadrilha junina representada por bonecos – Escola Municipal Waldson Pinheiro

Essa atividade proporcionou importantes reflexões sobre o folclore, patrimônio e sobre as identidades dos próprios alunos. Após as pesquisas, eles escolhiam o que desejavam representar e curiosamente, trabalharam com representações diferentes da nossa cultura. Os alunos que desejaram usaram outras formas de representar suas pesquisas como poderemos ver na pintura abaixo.



Quadro representativo do Boi de Reis no Nordeste - *Escola Municipal Waldson Pinheiro*

Pensamos que o trabalho que envolve os alunos na elaboração e sempre que possível na prática pode fazer uma grande diferença no ensino e no processo de aprendizagem. Lembramos que essa prática não precisa ser necessariamente a confecção de materiais, mas muitas vezes a própria análise de textos, documentos escritos podem ser usados como uma abordagem inovadora e que de alguma forma despertam os interesses e proporcionam, quando bem direcionados, grandes possibilidades de aprendizagem.



Alunos produzindo desenhos baseados em filme e documentário sobre meio ambiente

Bem, pensamos que as abordagens criativas dentro do ensino de história são importantes na elaboração de conceitos básicos próprios da disciplina e que as atividades feitas com os alunos podem ser grandes aliadas nesse sentido, como também uma forma de mudar a concepção de que a história é enfadonha e desinteressante.

REFERENCIAS:

- ANJOS, Moacir dos. **Local/global: arte em trânsito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizagens** – Campinas, SP: Papirus, 2003.
- KARNAL, Leandro (Org). **História em sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- OLIVEIRA, Margarida Dias. STAMATTO, Maria Inês Sucupira (Org). **O livro didático de história: políticas educacionais, pesquisas e ensino**. Natal: EDUFRN, 2007.
- PINSKY, Jaime (Org). **O Ensino de história** 14 ed. – São Paulo: Contexto, 2011.